

A

S. BRAGA - C-120²

APOTHEOSE

JORNAL COMMEMORATIVO

DO

SEPTI-CENTENARIO E INAUGURAÇÃO DA ESTATUA

DE

D. AFFONSO HENRIQUES

NUMERO UNICO

COLLABORADORES = D. Virginia d'Abreu, Antonio Vieira de Andrade, J. A., Theophilo Braga, Alberto Bramão,
Braulio Caldas, Pereira Caldas, Alfredo Campos,
Eduardo Carvalho, Joaquim Martins de Carvalho, João Chrysostomo, Alberto Corrêa,
D. Antonio da Costa, Azevedo Coutinho, João de Deus, Silva Ferraz,
Antonio Fogaça, Custodio Freitas,
Dr. Avelino Guimarães, Custodio Guimarães, Luis Guimarães, Narciso de Lacerda, Gomes Leal, Bernardo Lucas,
M. M., Julio Cesar Machado, Conde de Margaride,
M. M. Martins, Alves Mathens, Alvaro Mendes, D. Alice Moderno, Manuel de Moura, V. Novaes, A. P.,
D. Albertina Paraizo, P.º Abilio de Passos,
Bulhão Pato, P.º F. J. Patricio, Gaspar Paul, Firmino Pereira, Eduardo Pimenta, J. Pinheiro, João Pinto,
Domingos Ribeiro, Thomaz Ribeiro, Souza Rocha, Alberto Sampaio,
Dr. José Sampaio, Francisco Martins Sarmiento,
Arthur Soares, D. Guiomar Torrezão, Leite Vasconcellos, Henrique Zeferino

Director Literario - Domingos Guimarães

Guimarães, 19 de outubro de 1887

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ ILLUSTRADO

De HENRIQUE ZEFERINO DE ALBUQUERQUE

Rua Nova de S. Mamede, 26

1887

PARTE I

O CENTENARIO

(1185-1885)



CULTO dos grandes homens é uma necessidade commum a todas as sociedades, de todos os tempos e de todos os logares, disse-o não ha muito um dos nossos mais distinctos escriptores.

E assim é.

Se alongarmos a vista pela vasta galeria da historia, nós vemos atravez dos seculos a humanidade, — abandonando o culto que, por longo tempo, prestou aos velhos mythos religiosos, aos idolos e aos objectos, quer elles fossem a veneração prestada á *idade*, quer a consagração prestada á *força* a que esta succedeu, e que representam as correntes evolutivas das varias epochas em que se divide a historia, — vir curvar-se na reverencia d'um culto ante o tumulo dos Grandes Homens que a honraram, consagrando o genio, divinizando o *merecimento*.

E' que sem o sentimento de veneração, que é uma grande força coordenadora, o élo que liga a harmonia das vontades, o equilibrio social não poderia existir; é que sob o influxo poderoso que a Civilização lhe imprime debaixo da acção critica do seculo, se affirma energicamente a aurora de uma nova religião, que tem por factores a Sciencia e a Industria, que desenrola triumphantemente o pavilhão rebrilhante do Progresso.

E' então que os Centenarios, que são, na phrase de Theophilo Braga, o sabio e erudito professor do Curso Superior de Letras, a synthese affectiva das sociedades modernas, se impõem ao surdo esboroar das velhas theorias, como uma formula definitiva e poderosa do *querer* do espirito moderno, que caminha sempre e sempre para a ascensão escabrosa da eterna perfectibilidade humana.

A previsão de Augusto Comte, o grande philosopho positivista, na carta dirigida a Stuart Mill, em 29 de maio de 1842: — «anticipar sobre o futuro social, eis aqui o verdadeiro fim dos esforços philosophicos; por isso, assim o espero, se viver o bastante, começar a ver despontar um systema regular de commemoração usual em honra dos homens e das cousas que, em dado tempo e por qualquer maneira tem secundado a grande evolução mental, como me vereis fazer a indicação formal n'este ultimo volume. E' uma das instituições as mais proprias, sobre uma grande escala, para celebrar e acelerar o desenvolvimento moderno, conjunctamente mental e moral» — bem depressa se realisou.

Assim nol-o provam os Centenarios de Camões e Pombal, entre nós, um que foi o genio immensuravel, que, cantando os feitos do Oriente, abriu as portas ás conquistas literarias de Portugal dando-lhe um nome brilhante e imperecível, outro o sabio reformador, que soube elevar a Patria, sustentando e creando perante as nações estrangeiras as tradições de valentia e coragem,

que são a herança dos nossos maiores, e assegurando-lhe um futuro risonho pelo caminho que deixou aberto ás conquistas do Bem, illuminadas pela aurora da Instrucção; os de Calderon e Cervantes em Hespanha, de Petrarcha e Miguel Angelo em Italia, de Spinoza e Lutero na Allemanha, e o de Voltaire, e, proximamente, o da Republica, em França.

E realmente, que objectivo mais digno da consagração dos homens d'hoje do que essas homenagens, essas divinisações sublimes prestadas aos genios, que vivem eternizados na historia pelos seus feitos, onde se reflecte a immensa luz, d'esses heroes que pelos seus gigantescos trabalhos, pela sua intelligencia magnifica, pela sua indomavel vontade, pelo seu estudo perseverante e pela bondade da sua alma lhe prestaram todos os serviços do seu braço, todos os lampejos do seu cerebro, todas as energias do seu coração? Nenhum por certo.

E é porisso que no livro azul das glorias vimaranenses se inscreve hoje em letras d'ouro, em caracteres indeleveis que o tempo com a sua aza destruidora não apagará jamais, a gloriosa data de 6 de dezembro de 1885, e que Guimarães e Coimbra — o berço e o tumulo — os dois extremos da existencia, n'um amplexo de solidariedade que encanta, se vestem de galas, entoando uma larga bossana triumphal, um cantico entusiastico e festivo ao vulto mais proeminente da historia patria, ao fundador da nacionalidade portugueza, ao guerreiro indomavel d'essas luctas gigantescas e titanicas, que são a epopeia homérica da antiguidade.

E como é consolador dizel-o, uma e outra — a primeira que dentro do cinto das suas muralhas viu desabrochar essa creança predestinada para temerarias emprezas, a pairar altaneira em vôos de aguia sobre o alfange do mouro e a outra, que conserva o seu corpo enregelado pelo pó dos seculos como um thesouro valioso e sagrado, ambas por igual orgulhosas ou mirando-se nas aguas do Ave como sultana reclinada nos cochins da Penha ou retratando-se nas aguas diamantinas do Mondego, sete seculos depois, e é porisso que esta festa tem maior valor, é duplamente sympathica, e tem uma significação mais altruista, sublime, elevada e edificante, — em logar de deixarem passar no olvido esta data immorredoura, revem-se nos heroismos do pugnador invencível e no glorioso pensamento de se disputarem primazias: uma ergue-lhe uma estatua que será um padrão commemorativo do seu patriotismo, procurando salvar a divida enorme e nacional em que todo o paiz está para com o vencedor de Ismario, e outra, promovendo um cortejo civico brilhante e luzidio, que manifestará ás futuras gerações que os ho-

mens d'hoje não desmentem as tradições gloriosas que lhes legaram os seus maiores.

Uma e outra igualmente bellas, dignas, ambas sublimes e grandiosas, o berço e o tumulo, a vida e a morte, dia e noite, illuções e realidades, esperanças e desenganos...

NO SETIMO CENTENARIO DE AFFONSO HENRIQUES

A commemoração das datas gloriosas da historia d'uma nação é, porventura, a mais eloquente manifestação, a prova mais irrefutavel da vitalidade d'essa mesma nação.

Recordar o feito memorando do heroe que jaz no silencio da morte, ou saudar com festivaes espontaneas a data rebrilhante d'uma descoberta notavel, de provado alcance para o caminhar ovante da sciencia e da civilização, é arraigar no coração dos povos o respeito e o amor pelos que bem mereceram da patria e da humanidade, e incital-os ao estudo, ao trabalho e á perseverança.

Ha sete seculos que Portugal estava em divida para com Affonso Henriques.

Cabe á cidade de Guimarães a gloria da iniciativa da brilhante festa que hoje commemora o heroe a quem devemos a patria.

Honra lhe seja!

VICENTE NOVAES.

D. FRANCISCO D'ALMEIDA

(REGRESSANDO DE CHAUL)

O velho vice-rei, o pae desventurado, Regressou de Chaul, sombrio, concentrado, Sedento ainda de sangue após aquelle horror! Foi dar graças ao templo. Em Christo Redemptor, Cravou o tôrvo olhar, e, na feroz vindicta, Offertou a Jesus a matança inaudicta!

Lisboa.

BULHÃO PATO.

RIBEIRA DE VISELLA

«Esta é a ditosa patria minha amada
.....
Cuja fama ninguem virá que dome».

I — Folheando-se o NOBILIARIO do Conde D. Pedro — egregio filho natural do nosso rei D. Diniz — depara-se n'elle a cada passo com *nobres afamados* de RIBA VISELLA, «nome então syncopado da ribeira amena, a que dá o rio Visella esplendorosa fama».

E são estes *nobres* memorados no Conde de Barcellos, ou *companheiros d'armas* do rei D. AFFONSO HENRIQUES, de que a patria GUIMARÃES lhe celebra agora o SEPTI-CENTENARIO com applauso, ou descendentes nobiliarios d'esses *fidalgos assignalados* no berço da monarchia.

II — Seria mister encher longas paginas para trazer aqui á publicidade os *nomes illustres*, a que deram realce glorioso os de RIBA VISELLA, nos tempos attinentes ao nosso *PRIMEIRO REI vimaranense, nas epochas posteriores ainda a elles: — cumprindo-nos especialisar sobretudo a RESTAURAÇÃO PATRIOTICA de 1640, que no seu ANNIVERSARIO d'agora vem alliar-se com o SEPTI-CENTENARIO AFFONSIÑO.

III. — Não podendo no emtanto espraianos n'isso aqui, permitta-se-nos ao menos reclamar *altamente*, com o «vimaranense» MANUEL THOMAZ na PHENIX DA LUSITANIA. — Oit. 58 do Livr. IV:

«O' patria venturosa! quem pudera
«Em teus louvores dilatar-se tanto,
«Que o mundo tuas glorias conhecera!»

Braga, 29 de novembro de 1885.

O Decano do Lyceu e Conterraneo Vimaranense

PEREIRA CALDAS

PARALLELO

Junto á cabeceira d'um joven official agonisante permanecia, como que insensivel, uma dona respeitavel.

Ver-lhe as feições, attestando insomnias, e os olhos sem pranto — talvez represado no coração para não apressar a morte ao enfermo — ouvir sobretudo o crebro palpitar do coração contra o peito, era solettrar em letras de martyrio e amor o nome de mãe.

Mas os olhos do official amorteciam; a ampla fronte do bravo tingia-se já da pallidez da morte. . .

A mãe fugiu para chorar o filho que morria. . . — Por ser mãe fugiu! e porque o era — mysterio d'amor! — não pôde, não, voltar-se, e vê-o. . . morrer? Não; vê que os olhos do mancebo com brilho desmesurado fitavam a sua espada gloriosa que pendia fronteira.

Aquella fixidez, aquelle brilho e aquelle amor patrio que diziam, accenderam no espirito da mãe uma inspiração subita: ao vêr a espada, pensou ella, passou-lhe no espirito amortecido a ideia de gloria e da patria e viveu um momento mais; o perigo da patria, afugentar-lhe-ha a morte; fal-o-ha viver sempre para a defender: «Ai! Affonso! que nos cerca o inimigo!» . . . bradou a mãe com as lagrimas nos olhos.

Aquella inspiração da mãe levantou-lhe tal tempestade no coração, que a morte fugiu espavorida e receiosa. O official libertou a patria.

Guimarães é a dona. A patria o enfermo cujo primeiro feito foi Affonso Henriques seu filho. — O enfermo é joven ainda; — sete seculos apenas! a virilidade das nações — mas prostrado, o partidarismo devora-lhe o coração.

E eu ouço Guimarães que lhe diz: «Patria, filha, que eu amo-te com amor de mãe, desposaste o coração do meu Affonso, Patria, levanta-te! . . . Vê o patriotismo do teu noviciado, olha a tua espada de sete seculos. . . ella, só ella, só o patriotismo pode salvar-nos» . . .

A voz do centenario, lembrado, e se não realisado, projectado por Guimarães não chegará, talvez a ouvir-se no reino. . . mas basta que a *idea* que elle evoca o allumie para eu complementar o parallelo. . .

Guimarães.

PADRE MANUEL M. MARTINS.

NO TUMULO DE UM HEROE

Eu não amo os heroes. Não amo a rubra gloria dos guerreiros clarins, mais seu sinistro berro! . . . Ah! porém, quando crusa o raio o ceo da Historia, — urge matar com ferro, em epochas de ferro!

Lisboa.

GOMES LEAL.

Guimarães é, dizem, o berço da monarchia. — Não sei se todos o dizem sinceramente com respeito pelas suas tradições historicas; mas a verdade é que os factos autorisam em certa maneira essa designação.

N'aquelle gigantesco baluarte de granito, que corôa o alto da cidade, viveu a côrte do conde Borgonhez D. Henrique, primeiro governador do condado Portucalense, e de D. Tareja, a formosa filha d'Affonso VI de Castella, a qual alli deu á luz Affonso Henriques.

Quem souber interrogar aquellas negras muralhas, ha de ouvir contar como se formaram as primeiras conspirações para quebrar a vassalagem promettida ao suzerano de Leão, e se agitaram as grandes questões politicas e diplomaticas, que guiaram D. Henrique no intento d'estabelecer a independencia do reino; como se formaram planos militares e como, enfim, por mais d'uma vez d'alli sahiram as mesnadas dos barões portuguezes a combater ao norte os leonezes e ao sul os serracenos.

Não lhe é pois de todo mal cabido o epitheto de berço da monarchia.

Guimarães.

JOSÉ SAMPAIO.

Sendo o patriotismo o fogo sagrado que alimenta o coração dos portuguezes, para defender o qual não faltaram até hoje braços nem intelligencias, esforços nem sacrificios, commemorar o 7.º centenario de D. Affonso Henriques, o primeiro que nos ensinou a forga d'aquella palavra, que é uma idéa altissima, não é mais do que o cumprimento d'um dever.

Guimarães, que serviu de berço ao seu primeiro rei e ao primeiro pontifice portuguez, tem ganho nos fastos da sua historia a dupla corôa do valor e da crença, unicas bases da verdadeira civilisação, unicas vias do verdadeiro progresso material e moral.

Personificada uma e outra no egregio heroe dos cultos hodiernos, é testemunho irrefragavel de quanto ainda hoje se apreciam essas virtudes distinctas e nobilissimas.

Honra a Guimarães e aos que secundam as suas gratas aspirações.

Guimarães.

P.º ABILIO DE PASSOS.

O PATRIOTISMO

Um dos sentimentos, que mais nobilitam o homem, é por certo o amor da Patria.

O proscripto e o emigrado sentem sempre no fundo do coração, no intimo d'alma, longe de seus patrios lares, onde viram raiar pela primeira vez a luz, uma saudade bem profunda, e quando lá ao longe sabem dos males da Patria, choram com ella, como se jubilam, quando ella, alegre e festiva, traça de gala.

Eis um exemplo frisante.

Diz-nos a historia que sendo desterrado o coronel romano, Rutilio Rufo, homem labo-

rioso, sabio e abalisado jurisconsulto, alguém o consolava no seu exilio com a esperanza das guerras civis, que em breve lhe franqueariam a entrada na nobre cidade do Tibre, e que elle bem intimamente inflammado do amor da Patria, lhe respondera: «*Que mal te fiz, para me desejares peior regresso do que sahida? Prefiro que a minha patria se envergonhe do meu desterro, a que se dôa da minha restituição.*»

Que bella lição!

E' o patriotismo, esse sublime sentimento, que nos impelle a pugnar pela independencia e liberdade da Patria, que nos faz olvidar os perigos e affrontar por ella mil revezes e até a propria morte!

Prestar, portanto; ao venerando vulto de D. Affonso Henriques, que teve Guimarães por berço, á memoria do grande batalhador, honrosas e fundas homenagens, é um dever sagrado de todos os que se présum de sentir correr nas veias o sangue portuguez.

Solemnisar, pois, o 7.º centenario do 1.º Monarcha, do Grande Heroe, d'esse conquistador impavido e famoso, e levantar-lhe um monumento, que rememore aos vindouros o Fundador da nação portugueza, é um dever de gratidão e uma homenagem dignissima, que vae pagar uma divida de 700 annos.

Guimarães.

GASPAR PAÚL.

FRAGMENTOS D'UM POEMA

Ser justo e bom, ser puro e mais perfeito
Quem da estancia da vida palpa o termo,
Sonho é talvez de abandonado enfermo,
A supplicios e lagrimas affeito.

Não basta a luz a calcinado peito,
Como não basta a um sitio agreste e ermo;
O anathema a que o Homem é subjeito,
Vem tu, oh Sombra, n'estas sombras lêr-m'o!

Assim, eu fecharei meus olhos tristes,
E assim hei de gozar-te, oh doce bem,
Que debaixo dos tumulos existes!

A Immensidade é fria e nebulosa;
E a Terra é, como a Lua, luminosa . . .
Oh santa Natureza: oh minha mãe!

*

Brotarão de meus labios rubras flôres,
E do meu seio algum manchado lirio,
Manchado pelo sangue do martyrio,
Que já regou meus funebres amores.

Só isso restará das minhas dôres;
Pois que, gerada de infernal delirio,
Nossa crença em futuros esplendores
E' dubia e frouxa como a luz d'um cirio.

Oh Ideal! se a Idéa só attinge
O Nada em premio da existencia afflicta,
Que vale interrogar a eterna esphinge?

Não se corta ao Destino a garra adunca;
Uns têm na frente o sello da Desdita;
Outros . . . os outros não viveram nunca.

Lisboa.

NARCISO DE LACERDA.

Suspendei as vossas accusações ao povo vimaranense, porque elle accordou d'essa lethargia profundissima e d'esse somno ininterrupto em que parecia estar ha seculos completamente mergulhado, para pagar parte da grande divida ao vulto grandioso de Ourique, levantando uma estatua áquelle que, pelos seus gloriosissimos feitos, coragem e valor, se tornou immortal em todo o orbe.

E hoje, que é o 7.º centenário de Affonso Henriques, d'esse heroe audaz, victorioso e extraordinario, prestemos-lhe a nossa homenagem, demonstrando assim o nosso patriotismo e gratidão ao valente *Conquistador*, que foi incontestavelmente duas vezes o primeiro guerreiro portuguez.

Guimarães.

J. A.

O REI EM FACE DA NAÇÃO

As paginas da nossa historia são o mais grandioso monumento do denodado e glorioso rei Affonso Henriques; — reproduzil-as no marmore é o dever sagrado da Nação que lhe deve a sua origem.

Mas, para que tanto entusiasmo e empenho patrio em levantar um monumento, quando a nossa indiferença deixa esboroar outros de muito mais levantada grandeza, que eram a gloria immorredoura do nosso grandioso dominio, o triumpho imperecível das nossas inimitaveis conquistas e os braços poderosos das nossas extinctas grandezas?

O monumento que hoje se levanta é thesouro de pequenissimas dimensões, em face dos grandiosos monumentos que nos legara o immortal rei Affonso Henriques!

Guimarães, celebrando o seu 7.º centenário, solve a enorme divida da nacionalidade portugueza.

Guimarães, 5-12-85.

DOMINGOS RIBEIRO.

REMEMBER

Ora o avôsinho, doce e franco,
embora velho, é bello... bello...
Azues os olhos, e o cabelo
é todo branco, branco... branco...

Clarita — a neta — astro singelo
com quem ao peito a tréva espanco,
beija o avô como um disvelo
que lhe trepasse pelo flanco...

Emquanto nada nas delicias
de tantos beijos e caricias
abraça a neta a suspirar,

E uma lembrança doce e iriente,
cerca-lhe a palpebra dormente
e o faz sonhar... sonhar... sonhar...

MANUEL DE MOURA.

A NACIONALIDADE PORTUGUEZA

... a sympathia, que em todos os seculos a gente portugueza mostrou pela memoria do filho do conde Henrique, torna-se respeitavel, porque tem as raizes n'um affecto dos que mais raros são de encontrar nos povos, — a gratidão para com aquelles a quem muito deveram.

A. HERCULANO, — *Hist. de Port.* I, 442.

Diz Alexandre Herculano que a historia de Portugal começa só no seculo XI, porque, nem no territorio, nem na raça, nem na lingua, não ha nenhuma identidade nacional entre os portuguezes e os lusitanos (*Hist. de Port.*, I, introd.). A affirmacão do nosso grande historiador não se póde acceitar. De facto, com relação á geographia, Portugal e a Lusitania não coincidião mathematicamente; mas tambem o Portugal do tempo de D. Affonso Henriques não era o mesmo de hoje, e contudo, todos reconhecem a continuidade historica entre ambos. Por isso este argumento não colhe. Com relação á raça, já se compararam por ventura

os caracteres anthropologicos dos lusitanos e dos portuguezes? Pondo de parte este argumento negativo, temos outros positivos, tirados da ethnographia, da archeologia, etc., que nos provam que entre lusitanos e portuguezes não existe antinomia, e sim successão. Pelo que respeita á lingua, está demonstrado, tão bem quanto isso é possível na glottologia, que o portuguez não deriva de uma lingua indigena da Lusitania, mas do latim trazido para cá pelos romanos, — não obstante as theorias phantasticas do sr. João Bonança, approvadas pela parte fossil dos escriptores do nosso paiz; no emtanto houve uma epocha em que os lusitanos fallaram latim, que elles modificaram, e em que de certo introduziram palavras suas, e por isso, n'este sentido, a lingua portugueza é uma herança que os lusitanos nos legaram. Além d'isso, o onomastico actual compõe-se de muitos vocabulos primitivos, lusitanos ou não, anteriores aos romanos, como *Lisboa, Tejo, Guadiana, Minho, Braga, Ave*, etc., de modo que os portuguezes descendem dos lusitanos, embora nos attributos da raça muitas influencias estranhas e diversas se descubram; isto, porém, acontece com todas as nações. No tempo de D. Affonso Henriques a nacionalidade não estava officialmente definida; elle definiu-a, contribuiu para que os caracteres d'elles se accentuassem e se perpetuassem, firmando a independencia e alargando o dominio do paiz; deu, enfim, maior cohesão aos elementos nacionaes, que existiram antes d'elle. Está n'isto o seu grande merecimento. Honra, pois, á nobre cidade de Guimarães, que sabe glorificar a memoria do mais illustre dos seus filhos.

Porto

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Nãoacompanhamos a concepção theologica de Comte em quanto ás suas formas religiosas, mas reconhecemos que nas sociedades modernas alguma cousa se passa, que, tendendo a satisfazer necessidades de sentimento, vae ao mesmo tempo substituindo as religiões. A synthese activa está sendo realisada espontaneamente nas *Exposições*, formadas pelos productos dos esforços pacificos; a synthese affectiva, correspondendo ás novas noções moraes da solidariedade humana, manifestada pelos *Centenarios* dos Grandes Homens, ou dos grandes successos; a synthese especulativa como reconhecimento geral do poder espirital da sciencia, effectua-se por meio dos *Congressos*, em que a patria se alarga na humanidade.

THEOPHILO BRAGA.

Na grande lucta de Viriato contra os Romanos, parte das povoações da Lusitania dividia-se em dous partidos, o dos patriotas e o dos egoistas, que viam no protectorado estrangeiro o começo d'uma epocha, em que podiam explorar socegradamente o veio dos seus interesses particulares.

O partido dos egoistas achou quem lhe apressasse a victoria com um feito, digno de taes sequazes. O famoso caudillo, que havia sido o terror das aguias romanas, foi degolado, quando dormia, pelos camaradas em quem mais confiava e que levaram a sua cabeça ao inimigo, contando que lhes fosse paga por bom preço.

O «finis Lusitaniæ» foi escripto com o sangue d'aquelle martyr e por mais de 13 seculos tornámo-nos um povo d'eservos, passando d'um senhor a outro.

Com Affonso Henriques, recuperámos os fóros de nação livre; mas hoje que festejamos o nascimento do heroe, que nos abriu esta era nova, não falta quem pense que, do mesmo modo que na solemnisacão d'outros centenários, ao que se mira é a dissipar as apprehensões que desperta a approximação d'um segundo «finis Lusitaniæ», porque o nosso egoismo é enorme e insistente, o patriotismo pouco e intermittente. E, d'esta vez, a morte seria ignominiosa, por ficar demonstrado que tal é a nossa inferioridade moral e intellectual, que não nos permite ser um povo livre.

Guimarães.

F. MARTINS SARMENTO.

NOCTURNO

(EXCERPTO)

A mulher que adorei e que ainda hoje me assombra
Foi para mim a luz e comparei-a ao sol.
Agora unicamente é para mim a sombra;
E como á noite sae de debaixo da alfombra
O miasma que irrompeu do funereo crisol,
Do seu amor rebenta um perigoso miasma
Quando apparece a rir, qual o livido phantasma
Envolto n'um lençol.

Vivo na escuridão quando ella me apparece,
E ella anda quasi sempre a seguir os meus passos,
De forma que um viver afflicto me entristece,
Porque já para mim quasi nunca amanhece,
Embora vá o sol fulgindo nos espaços.
E tritura-me, pois, uma dôr violenta
Por não poder fugir d'um ar que me envenena
E deixar e esquecer tudo o que me condemna
A uma agonia lenta.

Muita vez, de manhã, são estes pensamentos
Que pretendo banir e em regressar ateimam,
Queimando o coração afflicto, como queimam
Pelo vasto deserto os africanos ventos;
Quando ligo a cadeia enorme dos meus sonhos,
E preso d'um temor solemne e involuntario
Um a um vou passando os seus elos medonhos
E em quasi todos vendo a minha escura sorte,
Como quem vae passando as contas d'um rosario
Ao ver perto de si, a negrejar, a morte.

Coimbra.

BERNARDO LUCAS.

O BERÇO DE AFFONSO HENRIQUES

O berço dos grandes homens
participa de metade das
suas glorias.

B. SADLAC.

Corria o seculo XII ainda na sua alvorada. A Peninsula Iberica vivia uma vida agitada como o Mar em dia de tempestade. Os povos debatiam-se uns contra os outros como as ondas contra a penedia, desfazendo-se em estilhaços de espuma. No azul expandiam-se os primeiros raios luminosos de uma aurora de independencia para este canteiro do Occidente.

Nascia então em Guimarães uma creança, producto risonho do filho altivo das Gallias e da morena sensual e meiga das terras da Andaluzia. Affonso era o nome do bemvindo, que o povo, nas suas canções singellas, saudava delirantemente como a esperança luminosa da vida secular da nação que se formava.

Foste tu, Guimarães, cidade marchetada de oiro e glorias, que produziste a primeira perola da corôa da realza.

O teu ceo azul foi o primeiro que serviu de docel ao throno dos reis portuguezes.

As tuas brisas, as primeiras que acalen-

taram os vagidos d'essa creança predestinada para levantar um throno sobre o berço que o embalara.

Eras tu que entesoiravas dentro dos teus muros, nos salões dos teus paços, os pergaminhos doirados da Nobreza e as riquezas pomposas da Côrte.

O que tu foste Guimarães!

Hoje o que és? que fizeste de tanta grandeza? Porventura rasgaste esse poema sublime, escripto com as tintas de ouro do sol, em paginas rasgadas do azul do firmamento?!

Nobre velho, coberto de cans, mas cheio de vida, parece que te vejo apontar para o peito cingido por uma armadura de guerreiro e de fidalgo, dizendo-me ao mesmo tempo com uma voz tremula de saudades:

— Não rasguei, não: tenho muito guardado dentro do coração, envolto no pergaminho sombrio do esquecimento, esse poema de glorias que me recordas, e que me faz ainda reviver de enthusiasmo, como o soldado moribundo ao som dos hymnos da victoria.

Hoje, vivo simplesmente n'este canto do Minho, assentado n'um tapete de verdura e flores como um pedaço do diadema real escondido entre os rendilhados floridos das alcatifas da Natureza.

Tu, Mathusalem das terras luzas, que devias empunhar o sceptro da realeza para apontares ás cinco partes do mundo o nome de Portugal. Tu que devias conservar através dos seculos a corôa que ganhou o teu filho nas aridas paragens de Ourique ao amortilhar nos despojos do combate os filhos das regiões ardentes da Arabia. Tu que devias ser o coração palpitante d'este povo do sol poente, que conservas hoje de tantas glorias que tiveste, de tantas recompensas que merecias?...

— Saudades do Passado! Despojos no Presente!

Um castello derrocado, coberto de musgo e hera que o sol no Oriente saúda com uns beijos de luz muito meigos e que ao esconder-se, bruxoleando, no Occidente, doira com uns raios de luz esvaecidos que se esbatem n'aquellas pedras ennegrecidas, como ultimos reflexos da saudade, ao lembrar-se que outr'ora fazia alli scintillar as armaduras de aço dos reis.

Hoje apenas se ouve dizer: berço da Monarchia — como um echo do Passado, que vae morrendo por entre as quebradas do tempo! —

Ingratidões da Patria.

Mas ainda assim és grato, és generoso. Sete seculos são passados depois que o 1.º Rei veiu nascer em teu seio, e tu hoje envias-lhe deante do tumulo a mensagem sublimada das recordações de sete seculos.

Tu foste o berço do 1.º Rei; Coimbra o tumulo. O berço e o tumulo são os extremos da existencia. Tu e Coimbra sois a primeira e a ultima pagina do poema glorioso do heroe decantado.

Mas tu como Berço participas de metade das suas glórias.

Salve, portanto, Guimarães, berço de Affonso Henriques.

Coimbra, dezembro de 1885.

BRAULIO CALDAS.

INSOMNIAS

Fez-se em torno de mim como um desabamento Eterno, sem igual, irremediavel, fundo, Ouvi rugir o mar, ouvi gemer o vento, Até cheguei a crer que se acabava o mundo.

Depois, vi que era engano; o mar suave e brando Acariçava a praia em jubilos d'amor, No céo côr de saphyra o sol ia boiando, Atravessava o espaço a voz do lavrador.

Só na minha alma houvera um rude cataclysmo, Uma revolução enorme e inesperada, Brotou sob os meus pés um tenebroso abysmo, A treva succedeu ás treguas da alvorada.

E comprehendí então a dôr do que procura, Entregue unicamente á decepção fatal, A paz do coração na paz da sepultura, A' sombra d'um cypreste esguio e funeral!

E comprehendí ainda a mágua do que chora, Longe do patrio céo, longe do ente amado, Ao recordar saudoso a sacrosanta aurora Que brota d'um olhar ardente e apaixonado.

E comprehendí emfim a todo o ser que soffre, A quem uma tortura opprime e faz chorar, Minha alma, n'esse instante, era um enorme cofre Onde cada infeliz achava o seu logar!

E para todos tinha a esmola d'um gemido, Amava-os como irmãos! E' que tambem n'essa hora Meu pobre coração, como um Titan ferido, Cahira a soluçar dos páramos da aurora!

Açôres, 6-9-87.

D. ALICE MODERNO.

NO ALÇAÇAR

Vinha tombando a noite e eu caminhava triste e abatido em direcção ao paço, onde vivera outr'ora o grande rei Affonso Henriques.

Um presentimento alvorçava-me vagamente, e distraído, alcei os olhos para o céo. As estrellas traçavam grandes riscas pelo azul. Dir-se-hia que estavam doidas.

Haveria algum baile pelo espaço? Conceder-lhes-hia recepção o espirito d'algum heroe? Assim a meditar, achei-me longe, sem ter realisado a visita que me propozera fazer áquelle recinto para mim tão santo.

*

Era n'um sabbado.

Encetei de novo a minha peregrinação.

Andava mais apressado e o coração parecia mal caber-me no peito.

Tudo era silencioso quando avistei aquellas paredes venerandas, preciosas reliquias da nossa historia fulgentissima.

Toquei-as com religiosa veneração e senti que se vestiam d'uma cobertura branda e macia. Era por certo a tunica que a natureza e os seculos lhes haviam concedido.

Mas o céo fez-se vermelho e as estrellas similhavam archotes flammejantes.

Olhei o palacio e pareceu-me pintado de sangue. Tive medo...

*

Voltei no dia seguinte.

Ia mais tranquillo e disposto a arrostar com tudo.

Mal chegara, feriram-me os ouvidos uns brados entusiasticos, como que soltos por milhares de vozes.

Que seria?!

Eis que no meio d'esta celeuma calorosa alguém se faz ouvir:—

— Vós que de mim herdastes a nobreza, a justiça e o patriotismo; vós, a quem leguei um passado de glorias e dei o berço onde nasci, sêde abençoados pelo muito que o amaes e fazeis respeitar.—

Seria o espirito d'Affonso Henriques quem assim fallava?!

Procuerei vel-o, mas no céo apenas brilhavam as estrellas, despreendendo no doce refulgir uns cantos d'amor e de victoria.

Guimarães, 28 de novembro de 1885.

CUSTODIO FREITAS.

A AURORA DA INDEPENDENCIA

Ha uma idea que nunca morre; é o espirito da independencia.

A voz de Affonso Henriques não era só, para as hostes portuguezas, a voz do joven piedoso que invocava a religião do Crucificado; era, pelos labios d'elle, a voz da antiga patria, que chorava de saudade e que estremecia de alvorço; era a voz de Viriato e de tantos outros que alli pelejavam em memoria ao lado dos vivos.

Como a voz da amante quando de longe nos chama se reconhece entre mil, assim a voz da patria, d'esta amante universal, enthusiasmava os moços guerreiros, dando-lhes o heroico talisman para conseguir a victoria. Conseguiram. O horisonte de Portugal espelhava-se de azul. Toda a aurora vem involvida em meiguice e curiosidade. Assim rompia a aurora portugueza, colorindo com os primeiros raios a terra que vinha reflorescer. Nascia o reino, crente, curioso, entusiasta, respeitador do passado, mas principalmente ambicioso do futuro e phantasiando glorias, como é natural ao coração da juventude,

Gloria a Affonso Henriques!

D. ANTONIO DA COSTA.

MORS ET VITA

Tal como um veio d'agua borbotou do deserto na areia esbrazeada; e a larva em borboleta se tornou, d'ouro e azul matizada;

qual d'um paul na lama escurentada um diamante súbito brilhou... como uma flor em rocha calcinada: — o meu amor brotou.

Como o sol que se fina no occidente e um canto que, soando mansamente, ao longe se perdeu;

Como o lyrio que a neve fez tombar, e o colibri que asphyxiou no ar; — o seu amor morreu!

Porto.

ALVARO MENDES.

Os festejos civicos constituem hoje uma das formulas porque se affirma a energia e vitalidade social.

Ou se organisem em representação de successões de conquistas progressivas, como o recente cortejo d'Anvers, ou se concentrem no convívio intimo d'um sarau litterario, como projecta a briosa Associação Artistica de Coimbra, ou se reduzam á publicação d'uma folha unica, ou emfim se exhibam em numerosa procissão de cidadãos guardando os carros allegoricos com que se glorificam os nomes dos grandes homens, como Camões, como Pombal, essas manifestações collectivas, mais ou menos opulentas e ruidosas, mais ou menos modestas, são sempre o producto d'uma agitação patriotica, são sempre a revelação de vida na communhão d'uma homenagem, ou na expansão do sentimento colectivo de gratidão á memoria d'um heroe.

Como todos os nobres movimentos da alma, essas manifestações despertam a sympathia de quantos sentem ainda no sangue um pouco de calor, no espirito a rectidão necessaria, no coração a receptividade sufficiente para que se contagie o enthusiasmo alheio.

Guimarães.

AVELINO GUIMARÃES.

PARTE II

A ESTATUA



s glorificações e os justos preitos são a apothese dos grandes espiritos.

A cidade de Guimarães, a gentil princeza do Minho, ufana-se justamente de ser a patria do grande heroe que, atravez da radiação de sete seculos, se nos affigura, a nós, ainda hoje um ser completamente legendario, produzido pela ardente imaginação d'um poeta.

E, na alta consciencia dos deveres que lhe impõe a maternidade de um filho que tanto a honra, que de uma maneira tão extraordinaria a ennobrece, ella perpetua hoje no bronze o vulto gigante e titanico, que é como que uma larga epopeia eschyliana de feitos tão grandes, que, para os dizer, seria preciso embeber a penna no fulgor do raio, necessario molhal-a nas tintas do relampago.

E agora Guimarães, vestida de gala, trajando de sedas primorosas, diademada de luz, engrinaldada de flores, vae assistir á sagração da estatua do filho querido, n'um festival pomposissimo, que mostrará ao paiz, nas vibrações de um patriotismo alevantado, a generosidade da sua alma nobilissima, que provará a esse Minho tão extravasante de vida a precisa intuição que tem dos seus deveres, procurando solver essa enorme divida d'uma nacionalidade, para com o homem que a esboçou nos largos horisontes de uma ambição legitima, nos moldes grandiosos de um patriotismo sagrado, n'aquella estatua que allí está, recortada no azul, n'um primor de esthetica, o braço a descansar no gladio, que era a sua força, a frente energica e scismadora, como a lançar uma benção de luz e de amor.

Nós vimos associar-nos como vimaranenses e portuguezes, com a alma cheia de jubilo e o coração a pulsar de entusiasmo, aos nossos conterraneos e depor no altar do genio a flor da nossa admiração e respeito, ao grandioso vulto arrancado ás sombras do passado, e banhado hoje por as fulgurações da intensissima luz do patriotismo.

DOIS MONUMENTOS

Quando a vida d'um homem se sobredoutra com os louros da victoria, em feitos memoraveis ou resplandece, aurifulgente, com os raios vividos, despedidos do facho deslumbrante da sciencia, em obras de altissimo valor, esse vulto gigante fica perpetuado na historia, patenteando-se, em gloriosa apothese, ás gerações vindouras.

Portugal, este pequeno paiz, collocado no extremo do occidente, beijado, de continuo, pelas ondas marulhosas e espumantes do oceano; esta patria de heroes, que, já na antiga Lusitania teve um Viriato, terror dos

invictos romanos, e depois um Vasco da Gama, um Pedro Alvares Cabral, um Affonso d'Albuquerque e muitos outros, que, devassando mares *nunca d'antes navegados*, implantaram em longinquas paragens o dominio portuguez; Portugal, outr'ora um simples condado, sob a dominação de Castella, deveu a sua independencia a um homem, que pelo seu esforço, o libertou do jugo castelhano, e, alargando-lhe as fronteiras, o transformou de condado em reino, fundando a nascente monarchia portugueza. Esse guerreiro esforçado, em cujas veias girava sangue real, e que, desde tenra idade, viu cingirem-lhe a frente os louros immarcessiveis da victoria, foi D. Affonso Henriques, o glorioso vencedor d'Ourique, o terrivel perseguidor dos serracenos, e que a historia justamente cognominou de *Conquistador*, taes foram os seus heroicos feitos de batalhador invencivel.

Portugal paga hoje uma divida sagrada ao seu primeiro monarca, e a nobre cidade de Guimarães, patria d'esse heroe, que pareceu um enviado da Providencia para dilatar o dominio do christianismo, perpetua, jubilosa, no bronze d'uma estatua, a memoria gratissima do grande rei D. Affonso Henriques, que, tendo-a por berço, a conservou por côrte.

Guimarães já tinha, como padrão de sua gloria, como pregoeiro de sua nobreza, perante os seculos, o antiquissimo castello, paço do primeiro rei portuguez, monumento que é uma reliquia do passado atravez das gerações; mas Guimarães quiz mais, e, movida por um nobre orgulho e louvavel patriotismo, acaba de levantar um monumento ao fundador da monarchia, rebrilhando de galas pomposas e exploindo jubilos espontaneos ao inaugurar a estatua magestosa d'esse vulto colossal.

Guimarães, a cidade que tem por lemma — a iniciativa, a actividade e o trabalho — engasta hoje na sua corôa de gloria mais uma pedra de rutilante brilho; inscreve nos seus annaes mais uma data immorredoura, na sua historia mais um feito memoravel; e d'ora ávante, entre os esplendores do progresso, os vimaranenses terão, a par do antigo monumento, padrão de sua nobreza, um novo monumento, proclamante do seu patriotismo.

Povoa de Lanhoso.

AZEVEDO COUTINHO.

Uma nação, tornada independente nos plainos d'Ourique, quando o alfange mourisco se erguia minaz, sobre a indomita cabeça dos Lusitanos, apertados nos reductos reconquistados na provincia d'Entre Douro e Minho, á voz d'um príncipe aguerrido,

cujos impetos se incendiam no amor da liberdade da terra que o viu nascer; uma nação, cujo pendão tremulou ovante, desfraldado a todos os ventos, e cujas naves arrotearam todas as vagas, espalhando pavor nos contrarios, espantando o mundo com o numero infinito das conquistas e descobertas, é uma nação que não pode morrer; é uma nação que se immortalisa; porque a sua vitalidade augmenta, á medida que os seculos passam na marcha incessante do tempo.

Pode mesmo pairar sobre ella a aza negra da desgraça, dizimando-lhe as fileiras dos mais denodados e dilectos filhos, que a encontra sempre impavida e serena contra os azares da sorte e ainda contra os golpes mais acerados e mais certos.

Seguindo a evolução, em pleno seculo dezenove affirma a sua solidariedade, levantando do pó das tradições gloriosas o nome de Affonso Henriques e fazendo reviver a memoria do primeiro libertador, pelo cinzel primoroso d'um grande artista, na eternidade do bronze.

EDUARDO PIMENTA.

MERCEDES

Ella nasceu n'um dia perfumado
De laranjas em flôr; — nasceu n'um dia
Em que na ardente e livre Andaluzia
Cahia o sol como um vizir caçado.

Da sua voz a gamma voluptuosa
Suspira como um violão queixoso,
E cada nota é pura como o goso
Que a alma do justo entre as esferas gosa.

Sob a mantilha escura os seus olhares
Tem os febris e tremulos lampejos
Da estrella vesper nos dormentes mares...

Quando ella passa acordam-se os desejos,
E em torno d'ella sôa pelos ares
Uma nuvem de versos e de beijos...

LUIS GUIMARÃES.

OS BRILHOS DO GLADIO

Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pae deixava seu traslado;
Que do mundo os mais fortes igualava;
Que de tal pae tal filho se esperava.

CAMÕES. *Lusíadas*, canto III.

Dignamente orgulhosa de ter sido o berço da monarchia, a cidade de Guimarães memoriza, no marmore e no bronze, o que a gratidão nacional deve ao heroico batalhador do campo de Ourique.

Bem sabemos que o pagamento d'esta divida sagrada que os vimaranenses e a na-

ção portugueza veem realisar sete seculos depois que o tumulo de Santa Cruz recebem em seu algido seio o cadaver do nosso primeiro rei, é já tardio. Conhecemos que o espirito da sociedade hodierna mais se inspira nas apotheseos da civilisação consagradas á sciencia, ás conquistas do Bem, aos progressos da industria e ás luzentissimas asseverações da liberdade, pois mais entusiasmados levanta o hymno do trabalho em uma exposiçào distinctamente concorrida do que o cantico de victoria em uma batalha felizmente ganha. Comtudo é de tal ordem o milagre constante da independencia d'este paiz atravez das luctas com que foi iniciada a sua vida e continuada a sua historia, que mais rasões veem justificar esta homenagem preclara e dignissima.

Não preconisa hoje somente a cidade de Guimarães o valor e o esforço do guerreiro que brandiu a espada entre os ardôres do combate para luzir deslumbrante ao sol da gloria. O povo que desfez a catapulta e fabricou o arado com que arroteou os campos, partiu as pontes levadiças para lenha com que aqueceu as fôrnalhas, armou com as lanças os teáres, transformou as achas em martellos, converteu os montantes em alavancas, reduziu os escudos a bancas de officina e mudou as torres de menagem em chaminés de fabricas: o povo, que foi tão denodado trabalhador como é hoje reputado industrial, não vê no glorioso gladio d'Afonso Henriques o elemento da força que ergueu um throno e fundou uma nacionalidade: vê mais; contempla a grande epopea portugueza que principiou a scintillar com os brilhos d'esse gladio, e que, distendendo-se nas ondulações do tempo, fez-se a via-lactea que em fulgentissimas estrellas mostra as conquistas e as descobertas dos nossos antepassados, aponta os progredimentos da epocha presente e indica as aspirações do porvir.

O paiz deve fazer a apotheseo do fundador da monarchia com verdadeiro orgulho de recordar um glorioso passado e na esperança de que está trabalhando para um auspicioso futuro: assim o comprehende Guimarães, terra de muitos brios, que venera as tradições historicas e inspira-se no fecundo movimento do progresso!

Porto, 1887

PADRE F. J. PATRÍCIO.

AO PÉ D'UM BERÇO

Adeus, filha, adeus; agora
fecha os teus olhos, descança;
Deus manda os sonhos d'esperança
nos fios d'oiro d'aurora.
Sonha, pois, teus olhos cerra,
e Deus te diga, querida,
que nunca acharás na vida
mais santo amor sobre a terra.

THOMAZ RIBEIRO.

Datas ha tão memoraveis e illustres, que trasladam e reflectem a um tempo a possante estatura de um heroe e a historia brilhante de uma nacionalidade.

Gloriosos são os nomes e memorandos os acontecimentos, que têm para os povos não desamparados de elevação moral a fulguração dos grandes fachos e o valor das imperecedouras epopeias.

Commemorando-se o dia 6 de dezembro

de 1185 não se corôa sómente o nome de um homem, que foi benemerito, glorifica-se egualmente a grandeza de um principio, que é culminante.

Laurear e enaltecer o nome de Affonso Henriques é afirmar o principio da independencia nas suas inspirações mais primas e nas suas mais levantadas gallardias; é avivar as côres e pregoar as glorias gentilissimas de uma bandeira, ao receber o seu primeiro baptismo de sangue e ao demonstrarnos gravada em suas dobras, com a profecia dos nobres destinos de um povo, o pergaminho dos seus feitos heroicos.

O tumulo, que para Affonso Henriques se abriu, ha oito seculos, foi limiar, pedestal e berço; limiar de uma historia, que começa opulenta de façanhas, pedestal de uma independencia, que surge palpitante de energias, berço de uma nacionalidade, que alvorece illuminada de glorias.

Era um gigante o homem esforçado e perseverante, que com a sua espada invencivel fundiu na fragoa chammejante das batalhas os moldes fortes de uma raça autónoma; lavrou immortaes e luzidissimos titulos de benemerencia o grande batalhador, que nos legou como espelho da sua alma e como herança de suas lidas esta nobre e estremecida patria.

Gloria ao nome e á memoria de Affonso Henriques.

Braga.

J. ALVES MATHEUS.

Os heroes são como o sol, se se fitam de frente cegam.

JOÃO PINTO.

CREANCINHAS

A MEUS PRIMOS

Oh! pombas de luar e d'alegria,
almas feitas da luz d'uma alvorada,
sois a constellação que nos iria
de sorrisos a vida amargurada!

E' p'ra vós a existencia de harmonia,
uma doce illusão de sol doirada,
oh! pombas de luar e d'alegria,
almas feitas da luz d'uma alvorada!

Não vos tolda uma nuvem só de dôr,
pequenos seres d'amphoras d'amor,
a mente de mil sonhos estrellada...

Sois as fadas do reino da utopia,
oh! pombas de luar e d'alegria,
almas feitas da luz d'uma alvorada!

Povoa de Varzim, 1887.

CUSTODIO GUIMARÃES.

AS ROSAS DE MUSGO E AS SENHORAS

Uma occasião, o anjo a quem Deus nomeou tutor das flôres, para cuidar de lhes chamar o orvalho, afastar os insectos ávidos ou malevolos, e fazer cahir levemente com o seu halito as petalas pisadas pelos beijos do vento ou do sol, adormeceu cansado ao pé de uma roseira. Quando acordou, para voltar ao céo, quiz agradecer á rosa a fragrancia de sonhos com que lhe perfumára o somno. Era difficil tornal-a mais bonita, e todavia conseguiu-o: teve a habi-

lidade de fazer-lhe um enfeite com o que na terra ha de mais humilde, embrullhou-lhe o calix n'um grinalda de musgo. Tinha o anjo tanta arte, quanta philosophia. Que riqueza poderia accrescentar á rosa, que não ficasse inferior ao seu brilho e ao seu perfume?

Quantas senhoras deveriam aproveitar essa lição, e, fartas de humilharem as pedras preciosas menos brilhantes que suas feições, collocarem em vez de diademas um pé d'herva, uma espiga, uma flôr silvestre nos cabellos!

JULIO CESAR MACHADO.

AQUARELLA

Do valle ao fundo, agita-se estridente
A antiga nora em grande labutar.
Os bois fremem; no rio alegremente
Jorram agua os açudes para o ar.

Os prados vestem de esmeralda e oiros,
Ostentando as papoilas mais vermelhas;
Pelas seáras ondúla o trigo loiro,
Na madre-silva escondem-se as abelhas.

E ao cimo da collina exposta ao sul,
E bordada de giesta e rosmaninho,
Assoma o vulto alegre d'um moinho,
Batendo as azas brancas pelo azul.

ALBERTINA PARAÍZO.

SER HEROE É VIVER SEMPRE

Diz a sciencia que não se perde nem um atomos dos reinos da natureza.

E perder-se-ha, acaso, nas avenidas da historia e no jazigo do esquecimento, o corpo athletico do heroe?

Se a luz e o calor fecundam o germen e produzem a flôr e o fructo, apagar-se-hia sem resteeas seculares e vivas a auréola fulgurosa do Heroe d'Ourique? Aquella espada de rija tempera que quebrou os elmos da mourisca coroada e prepotente e cavou na Iberia sulcos tão profundos que separam reinos, quebraria assim, ao impulso, embora titanico, de sete seculos? Um povo livre pode esquecer o que foi, esquecendo o seu libertador?

Eu vejo na historia patria uma columna de granito encimada por uma cupula de brilhantes... A sua base é profundissima — é o patriotismo d'um povo — que só cabe quando o povo morre. Junto a essa columna vigia Guimarães ha sete seculos; e quando passam os heroes diz-lhes: — o heroismo vive sempre; como no meu coração de mãe vive o amor de Affonso Henriques, meu filho —

Lembra-me a Chananêa: «ditosa mãe de tão glorioso filho».

Honra a Guimarães! gloria a D. Affonso I!

Guimarães

M. M.

O VENCEDOR VENCIDO

A nacionalidade portugueza rebenta, vigorosa e altiva, cheia de seiva e de vida, no periodo inicial da nossa historia, quando o heroe de Ourique, na valentia da sua organização mais rija do que o ferro, combatia pela cruz contra o crescente, pela civilisação contra a barbarie; accentua a sua vitalidade e o seu espirito guerreiro, nas lu-

etas em que se envolve contra mouros e infieis; vence e triumpha em mil batalhas formidaveis; produz heroes e martyres, conquistista e avassalla, impõe-se e domina, combate e triumpha, e tão alto hastea o pendão das Quinas, que todo o mundo o contempla e perante elle se curva.

Foi o seu periodo de luz.

Abateu-se, depois, enfraquecida e exhausta, pusillanime e enferma; esmorecem as dedicacões, quebrantam-se os animos, partem-se as espadas e os montantes, deixa de tremular o pendão das Quinas, adormecem os heroes, rompem-se as armaduras, desmaia o sol da gloria, definha o prestigio da tradiçào, a Inquisiçào apavora, o jesuita esmaga, a consciencia enche-se de terrores, o animo succumbe, e os *Luziadas* nem podem levantar a alma nacional, esmagada pelo fanatismo catholico.

Foi o periodo de trevas.

Veiu depois a humilhaçào, consequencia legitima da ignorancia. O gigante de mil batalhas dá os pulsos aos ferros da oppressão...

O vencedor foi vencido!

Sessenta annos depois, a alma portugueza resurge á voz do patriotismo, para cair novamente no abatimento em que hoje se arrasta, olhada com desdem pela Europa, retalhada nas conferencias a que preside a cubiça, enfraquecida, sem estimulos, sem intuitos, sem pontos de vista, largos e definidos...

E' o periodo da inercia.

E' tempo de acordar. A hora vae alta, e é preciso honrar o nosso nome. Abra-se a historia, busquem-se alentos nos heroes, que são os nossos antepassados, e ávante depois, a bandeira portugueza desfraldada aos ventos, pela patria, pela civilisaçào, pela liberdade!

Será o periodo da gloria.

Porto.

FIRMINO PEREIRA.

CÉO

Tem o meu coração um céo, que dista bem pouco de meus olhos; e onde os astros me trazem ajoelhado; mas, se os vou a contar, ferem-me a vista... e meus olhos concentram-se de rastros, n'essa ideia d'um céo todo estrellado.

Este céo, que eu venero, é o teu amor. Seus astros joviaes são os encantos que ostentas, nobre flor!

N'elles encontro as perfeições mais bellas; mas ao olhar te, vem me ao pensamento, que tambem d'outro céo, no firmamento,

nunca eu pude contar tantas estrellas!...

Coimbra.

ANTONIO FOGAÇA.

Inspirado no valor do heroe de Ourique, Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França, general do nosso exercito, morto em 1824, e tenente de cavallaria n.º 1 em 1808, ao ver-se coagido a entregar a espada por ordem de Junot, que dissolvera o seu regimento, então em Coimbra, dirigiu-se este brioso official com seu filho, depois o primeiro conde de Fonte-Nova, á igreja de Santa Cruz, onde repousam os restos do glorioso monarcha, e ahí, cheio de nobre indignaçào, e quebrando a espada, recitou de improviso o seguinte soneto que dá a gamma

do mais sublime despeito e o testemunho da mais levantada homenagem ao vulto grandioso a que os vimaranenses tributam hoje o culto da sua admiraçào.

Eis o soneto:

A teus pés, fundador da monarchia
Vae ser a lusa gente desarmada.
Rende hoje á traiçào a forte espada
Que jámais se rendeu á valentia.

Oh Rei! Se minha dor, minha agonia
Penetrar pode sepulchral morada,
Arromba a campa, e com a mão mirrada
Surge a vingar a affronta d'este dia.

Eu, fiel, qual te foi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei; grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem.

E o pranto que a teus pés minha dôr lança
Recebe-o, grande Rei, por vassalagem
Aceita-o em protesto de vingança.

Incluil-o n'esta apothese é um dever de bibliophilo.

HENRIQUE ZEFERINO.

A INFANCIA

(TRADUZIDO DE VICTOR HUGO)

Jazia, extenuada, a mãe no leito,
Vendo pairar a morte sobre si,
E ao 'stertor que lhe sáe, rouco, do peito,
Como em resposta, o filho canta e ri.

Tem apenas cinco annos; todo o dia,
Canta e brinca, louquinho de prazer;
Toda a noite ao seu lado a mãe tossia,
Sem por tal a creança dar sequer.

Cáe por fim sobre a triste a lousa fria,
E não cessa inda o filho de cantar!
E' que a dôr fructo é que Deus só cria
Em ramo com vigor p'r'o sustentar.

CONDE DE MARGARIDE.

D. AFFONSO HENRIQUES

A' custa de muitos sacrificios, no acumen do mais accentuado valor e do mais reconhecido heroismo, por entre as lanças dos hespanhoes hostis, e o crescente terrível dos agarenos indomitos, foi hasteado o balsão da nacionalidade, a signa da autonomia, a bandeira estremecida da nossa patria querida.

Os luminares d'esse grande feito, as inspirações d'essa grande idéa, a força herculea d'esses heroicos luctadores provém-lhes da creença no seu Deus contra os musulmanos, da creença na sua patria contra os hespanhoes.

Deus e patria: eis o incentivo da civilisaçào que hoje usufruimos, o sangue que aviventou a patria que hoje gosamos.

Eis o facho poderoso que nos levou a atravessar *os mares nunca d'antes navegados*, que aureolou com uma corôa immarcessivel o *Albuquerque terrível* e *Castro forte*, que nos deu este cantinho occidental da Europa á beira mar plantado que foi sempre a inveja do mundo, a ambiçào dos povos pelo doce do clima, pelo azul do ceu, pelo bello da paizagem, pelo formoso do sol, pelo beijar das ondas, pelo oscular das brisas, pelo encanto do todo, pelo heroismo dos habitantes, que fez dizer ao Epico immortal:

e julgareis qual é mais excellente
se ser do mundo rei, se de tal gente.

Tudo isto devemol-o a D. Affonso Henriques.

Guimarães.

A. P.

Um monumento que se ergue, é mais um espelho em que o sol da gloria se reflecte.

Porto, 9—10—87.

SOUSA ROCHA.

A ESTATUA

Que se abata o sol; que nunca mais ultrapasasse o ocaso para nos vir olhar alegremente, porque nós já não precisamos d'elle. Os heroes illuminam, e a luz é um sorrir entre as trevas. Se ella não nos aquece os corpos regelados, reanimamo-nos n'alma, e a alma é tudo. Se o coração é o tumulo das illusões que nos deixam enganosamente, tambem é o monumento das tradições que nunca morrem.

O bronze não é o cadaver d'um mutismo, é a vida d'uma linguagem silenciosa.

Guimarães.

J. CHRYSOSTOMO.

AFFONSO HENRIQUES

O nome de Affonso Henriques, o fundador da monarchia lusitana, evoca deante dos nossos olhos deslumbrados a prestigiosa epopeia nacional, tal qual ella sobresahe na historia das nações: gloriosa, de gentilezas nunca assaz celebradas, rica, de conquistas nunca assaz applaudidas.

Affonso Henriques afigura-se-nos, a nós outros, os decadentes do seculo XIX, espurios descendentes dos invenciveis e dos indomaveis—um colosso talhado em bronze, cujo herculeo tronco excede as vulgares dimensões do corpo humano.

A' força de admirarmos o gigante, erguido no seu elevado pedestal, chegamos quasi a duvidar da existencia do homem.

As suas façanhas, a sua romanesca existencia, cercada do vago prestigio da lenda, esvaem-se quasi na meia luz do sonho.

Cumpre, por conseguinte, não deixar nunca, não só de honrar-lhe a fama, para a posteridade, como de avivar-lhe os contornos historicos e humanos, para os contemporaneos. Triumpham n'esse avisado empreendimento, o amor da patria, que engrandece, e a verdade historica, que surge desassombrada dos veus da lenda.

Lisboa.

GWOMAR TORREZÃO.

DAS «MADRESILVAS»

(No prélo)

Ella disse-me um dia: «Ah! não, não creio
Que a tua alma por mim tanto amor sinta...»
E eu fiquei-me a seismar n'um triste enleio:
«Como pode ella acreditar que eu minta,
Se vive ha tanto tempo no meu seio!»

Foz do Douro.

ALBERTO BRAMÃO.

AHASVERUS

Chegou-se a mim um caminhante obscuro :
—D'onde vens ? — perguntei lhe. — Do Passado.
—E para onde vaes ? — Para o Futuro.

—Dás mostras d'ir bastante fatigado !...
—Ha dez mil annos já que em vão procuro !...
Envelheci a andar, estou cansado !...

—E procuras ?... — O Amor. — Tens mãe ? — Morreu.
— Não procures então mais um momento
O que só podes encontrar no Céu.

—E onde existe o Céu ? — No Esquecimento.

Foz do Douro.

ALBERTO CORREIA.

A INDEPENDENCIA NACIONAL

Os inimigos da nacionalidade portugueza costumam argumentar contra a rasão da sua existencia, com as circumstancias das muito limitadas dimensões de territorio, e de ficar elle ligado á Hespanha, sem que o se parem grandes rios, ou montanhas.

São, porém, exactamente essas circumstancias que mais justificam a nossa independencia nacional.

Tem-se visto vastos territorios perderem a sua autonomia; e egualmente mostra, a experiencia que não são as divisões naturaes que absolutamente garantem a estabilidade das nações.

A força das nacionalidades está principalmente no vivo amor da patria, e na acrisolada dedicação pela defeza do solo natal.

Um dos maiores e mais convincentes documentos do bom senso e rectidão de vistas de D. Affonso Henriques, na fundação da nação portugueza, está em terem decorrido desde o seu fallecimento nada menos de 700 annos, e achar-se no fim de tão longo tempo Portugal independente.

Se a este paiz faltam as barreiras naturaes, tem outras barreiras mais fortes — quaes são os corações dos seus filhos, que nunca duvidaram dar a vida pela mãe patria.

Congratulemo-nos, pois, por nos ser permitido festejar o 7.º centenario de D. Afonso Henriques, e façamos votos para que, pondo de parte as discordias intestinas, procuremos só o bem da nação, que deve áquelle bravo guerreiro a sua independencia, com a qual pode adquirir um nome distinctissimo em todos os paizes do globo.

Coimbra.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Abre a flor á luz que a enleva
Seu calix cheio d'amor,
E o sol nasce passa e leva
Comsigo perfume e flor.

JOÃO DE DEUS.

A vetusta e nobre cidade de Guimarães, muitas vezes denominada retrograda, não se enaltece effectivamente com alguns dos adornos com que se enfeitam outras suas irmãs mais novas e mais velhas, mas em compensação, e o que é de mais valia, tem sempre prestado culto fervoroso á agricultura, á industria e ao commercio, trindade sublime que tem por unidade o trabalho.

E hoje, para cumulo de sua gloria e para

esmalte de seu procedimento rectissimo, evoca do passado a memoria do seu mais excelso filho e por si e pelo paiz inteirò paga uma divida de gratidão, erigindo-lhe uma esttua.

Não podia Roma canonisar o nobilissimo heroe que creou, firmou e robusteceu a autonomia de Portugal, porque a essa apothese se oppunha a humildade christã, mas canonisou-o a bella cidade de Guimarães, sua patria, que ora se espelha vaidosa nas mansas aguas dos formosos rios Ave e Vizella. Salvé Guimarães.

Guimarães.

A. VIEIRA D'ÁNDRADE.

NOITE DE NUPCIAS

Hei de dar-te por leito conjugal
o immenso abysmo da minh'alma em pranto;
e hei de envolver teu corpo esculptural
das minhas illusões no escuro manto...

N'aquelle mar de dôr louco e fatal,
conhecerás então, mulher, o quanto
é duro assim viver, sem o fanal
da esp'rança lobrigar — esse eden santo !

Terás por noivo um coração gemente,
ás caricias do amor mudo, indiff'rente,
que zombará de ti — cruel, tyrannico !

E alta noite uns phantasmas surgirão,
— o vil Desprezo, o Odio e a Maldição —
o teu leito a embalar, n'um rir satanico...

(Das «Penumbra», no prélo)

SILVA FERRAZ.

Bemdicto o povo que n'esta epocha fria de mercantilismo, é ainda capaz de sentir os santos enthusiasmos da historia.

Guimarães.

J. PINHEIRO.

No livro de todo o coração delicado e sensível ha sempre uma pagina brilhante, formosa e artisticamente illustrada, em que, ao lado do texto inspirado, se reproduzem em correcto desenho, com inteira propriedade de tintas e regular conjunto de accessorios atrahentes — o assumpto que a enche e embelezza.

É a pagina em que o sentimento falla de um berço.

A lauda do grandioso livro do coração portuguez, em que o sentimento patrio escreve do fundamento da nossa monarchia e d'Afonso Henriques, o primeiro vulto da gloriosissima e extensa galeria dos nossos reis, é d'uma superioridade grandiosa, porque ao texto, formado de tradições intactas, de feitos heroicos, se coaduna harmonica e deslumbrantemente a *illuminura* que alli reproduz o nosso espirito, quando, percorrendo-a como agora, n'una justa commemoração, ella perpassa por deante d'elle, n'um desenrolamento assombroso, d'uma grande correção de linhas, d'uma adoravel combinação de cores, e d'um enlace encantador de accessorios brilhantes.

No berço aonde brincou e sorriu a creança, cuja imagem nos povôa o coração, ha a synthese d'um grande amor e d'uma grande esperanza de ventura.

No berço aonde teve os primeiros embalos a nossa monarchia, pelo seu primeiro rei,

houve a synthese do maior patriotismo e o primeiro clarão d'uma grande gloria.

Hoje vê-se que nem aquelle sentimento se entibiou, nem este sol foi apagado.

Braga

ALFREDO CAMPOS

O ÉDEN !

AO MEU CONDÍSCIPULO J. B. REBELLO DE SOUSA

I

O onduloso som de lentas badaladas
repercutia ao longe em notas magoadas,

II

convidando os fieis ao rude campanario
que negrejava alem vetusto e solitario.

III

Agitára-se a aldêa; uns grupos silenciosos
dirigiam-se ao templo, orando fervorosos.

IV

As donzellas corriam á voz d'aquelle sino,
sedentas de oração e de extasi divino;

V

a nave não cobria a vasta multidão
chamada pela fé á santa conversão;

VI

revoavam em côro uns canticos vibrantes
e o orgão soluçava accordes tremulantes;

VII

em brando rutilar fasciculos de luz,
aureolavam a fronte ao livido Jesus;

VIII

e a Virgem dolorosa, a casta Divindade,
sorria á multidão em doce suavidade...

IX

Um gordo missionario e frade de S. Bento
ao pulpito trepou, tossiu e n'um momento

X

um texto alatinou — *Semper aeterna gloria!* —
chorando d'este mundo a vida transitoria:

XI

«No empyreo ha, dizia, vizões deliciosas,
«archanjos, serafins, aromas, luz e rosas,

XII

«mil arrosios de mel e lacteas torrentes,
«palacios de marfim e campos viridentes,

XIII

«amplos vergeis em flôr e coros musicaes,
«eterna primavera e risos virginaes,

XIV

«a lêda mariposa e a pallida açucena,
«a filha de Jephthé e a doce Magdalena,

XV

«e o justo se deleita em gozo perennal...
«Por toda a parte o Bem a triumphar do Mal!

XVI

O frade a discursar com tal sabedoria
mostrava conhecer do ceu a geographia.

XVII

Eu vi-te ajoelhada, attenta, compungida,
n'aquelle descripção celeste embevecida...

XVIII

E, olhando para mim, mandaste-me um sorriso...
— Foi só então que eu eri haver um paraizo!...

EDUARDO CARVALHO.

CREANÇAS

Como eu vos amo creanças!...

Se elevo o olhar aos páramos do azul, as claridades sideraes que me deslumbram, inebriam-me a alma de inenarravel doçura, embora esse olhar, que divaga pelas amplidões do espaço, não vá além da porta diamantina, que lhe veda as avenidas do ignoto!...

Se baixo a vista sobre a campina verdejante, vejo-a salpicada de malmequeres brancos e amarellas, tão singelos como a innocencia, e de myosotis saphiricos, graciosos como um sorriso infantil! E quanta delicia vae n'este olhar...

Mais para além, vejo o mar, o gigante que se agita incessantemente, e resfolga como enorme cetaceo, ora enraivecido, bramindo temerosas coleras, ora mansinho e caricioso, beijando as areias douradas da praia! E é sublime, e arrebatada, e enlouquece, esta contemplação!...

Reuni todas estas impressões, que ferem suavemente a retina, e commovem o coração, assimilae-as no mais puro cadinho; a união de todas estas sensações deliciosas, será comparavel ao que se sente, fitando uma creança? Quem o não experimentou algumas vezes, ou antes, muitas, tantissimas?...

Como eu vos amo, creanças!... Sabeil-o acaso? Ah! que não posso eu dizer-vol-o!

Eu vejo os Ceos recamados de estrellas, e os vossos olhos brilham mais do que ellas! A terra vestida de jasmims e rosas, e as vossas facesitas, teem a frescura de todas as flores! Ha nas selvas murmurios eólios, e o vosso gorgear sonoro, deleita mais o ouvido!...

Como eu vos amo, creanças!...

Hoje, enlevo santo de vossos paes, esperanza da sociedade, que cuida já em utilizar-vos os talentos, quando a vossa intelligencia mal desabrocha! Amanhã, quem sabe? subireis, incensados pelas multidões, os marmoreos degraus do Capitolio? Ou ireis despedaçar-vos d'encontro á ennegrecida rocha Tarpeia?...

Deixemos, creanças, dormir o destino, envolto em suas roupagens impenetraveis. E vós, dormi tambem, mimosos lyrios, sonhae, balouçados suavemente, nos braços de vossas mães! E não temo por vós, que ellas, as obreiras a quem o Senhor incumbiu a mais difficil mas grandiosa tarefa, tornar-vos-hão, senão martyres e heroes, pelo menos dignos membros do corpo social.

E como eu vos amo, creanças, por vós e por ellas.

Vieira

D. VIRGINIA D'ABREU.

O monumento a Affonso Henriques, que vae inaugurar-se n'esta cidade no dia 19 de outubro, significando o tributo de respeito que devemos todos áquelle, «sem o qual não existiria hoje a nação portugueza, e por ven-

«tura, nem sequer o nome de Portugal,» exprime tambem que o sentimento da patria que uniu no passado nossos paes, está sempre e cada vez mais vivo no nosso peito.

A presente publicação concorrerá tambem e efficazmente para robustecer esse sentimento, que é a base da vida publica de todos os povos cultos.

Guimarães.

ALBERTO SAMPAIO.

SUPPLICATIO DEO

(FRAGMENTO)

O acaso levou-me um dia
A entrar a porta d'um templo;
Entrei sem fé, a harmonia
Extasiou-me: contemplo,
Curvo me á hostia sagrada
Envolta em ondas de luz;
Oro ao Deus omnipotente
E o martyr junto da cruz
Fez d'um incredulo um crente

Calou-se a doce harmonia
D'aquellas notas divinas
E as vozes argentinas
Dos canticos a Maria.
Depois, os labios trementes
D'aquelles pallidos crentes
Ouvi-os baluciar
As orações fervorosas,
Essas grinaldas de oras
Que depunham no altar.

Então contricto, humilhado,
Vendo ao longe uma esp'rança,
Resei tambem ajoelhado
Como resava em creança.
E fiz a Deus um pedido
Muito triste, dolorido
N'um diluvio de dôr:
— Transformai-lhe o coração,
Insensível á paixão,
N'um meigo cofre d'amor.—
Pedi mais, bradei: Senhor!
Ha um coração que chora
É o meu que triste implora
O doce orvalho do amor.
Desvairado em vão procura
Pela calada da noite
Onde a minh'alma se acoite,
Amorosa sepultura.

Eu qu'ria o coração d'ella
Que nunca soube chorar,
E o peito onde elle existe
Quizera que fosse altar
Onde um exilio houvesse
Onde eu pudesse ir chorar.

Braga, novembro de 85.

ARTHUR SOARES.

AO TERMINAR

Antes de fecharmos esta publicação, impõe-se-nos um dever que gostosamente vimos cumprir.

A obrigação de patentear o nosso indelevel e eterno reconhecimento a todos os excellentissimos escriptores que responderam

de uma maneira tão soberanamente fidalga ao nosso convite, vindo illuminar a nossa *Apotheose* com as irradiações luminosas dos seus formosissimos talentos, esmaltal-a com as divinas flores dos seus espiritos fulgurantes, coadjuvando-nos assim, para que o desejo e a esperanza que alimentavamos ha muito se tornasse n'um facto indiscutivel e realiado.

E tanto mais é expressivo este reconhecimento, quanto é certo que o praso que nos era permitido conceder-lhes para a satisfação do nosso pedido era muito curto, limitadissimo, visto que só tarde, muito tarde, foi resolvido que a inauguração do monumento que esta cidade erigiu ao heroe de Ourique se realisasse agora com a assistencia solemne da Augusta Familia Real Portugueza. E se a lista da collaboração, apesar de brilhantissima, não é ainda tão completa como desejariamos, se faltam alguns nomes dos mais distinctos escriptores do paiz, não é que a nossa idéa não fosse acolhida por todos com sympathia e regosijo, mas porque, principalmente, nem todos dispunham do tempo preciso para satisfazer um pedido, que, como não podia deixar de ser, tinha de ser executado n'um praso determinado e inadiavel. Muitos autographos temos recebido e alguns dos principes da nossa litteratura, a que bem contra nosso desejo foi impossivel dar cabimento, por terem chegado excessivamente tarde.

Cumpre-nos tambem explicar ao illustrado publico que, tendo sido addiados os festejos que se projectavam realisar n'esta cidade por occasião do septi-centenario do grande heroe de S. Mamede, isto nos levou a addiarmos tambem a nossa publicação para agora, enriquecendo-a com uma nova secção commemorativa do facto que hoje festejamos jubilosos.

Todos sabem, não ha quem ignore, as enormes difficuldades com que lucta quem emprehende uma publicação como esta, difficuldades maiores e muito maiores para quem como nós, sem auxilio de ninguem, se abalança, n'uma cidade onde faltam todos os elementos que se encontram em Lisboa e Porto, para a confecção e organisação artistica de um jornal como o nosso. Mas não ha obstaculos que uma decidida vontade não vença, não ha atrictos que uma tenacidade spartana não anniquile. *Querer é poder*: e este lemma que adoptamos dá-nos a força necessaria para caminhar sem fazer caso dos zoilos, que por ahí pullulam e esta divisa, que temos gravada indelevelmente no fundo da nossa alma, põe-nos ao abrigo da baba peçonhenta d'esses invejosos, eternos *clowns* da arena da vida, histriões que teem por officio divertir-nos com um odio que só consegue fazer-nos rir e que nem resposta nunca nos merecerá. Por isso estamos certos, que o publico que avalia os grandes esforços que nos foi necessario envidar, ha de, assim o cremos, acolher a nossa publicação, não com favor, porque lh'o não pedimos, mas com a justiça a que temos incontestavel direito.





19 de outubro de 1887

